

MATERNIDADE, ENTRE RECUSAS E ESCOLHAS

Juliane Rodrigues Homem¹

RESUMO

Este trabalho foi construído a partir da motivação da autora em conhecer e refletir sobre a temática da não-maternidade como opção da mulher na atualidade. A partir de conversas privadas informais com mulheres em torno de 35 anos entrelaçadas com a história pessoal da autora deste ensaio, o objetivo é identificar alguns dos diversos caminhos que atravessam o tema. Discorrendo desde momento histórico onde movimentos feministas lutavam por direitos a contraceptivos, o lugar ocupado pela mulher na família, até verificar a força das narrativas no processo de subjetivação que estamos passando.

Palavras-chave: psicologia; não-maternidade; mulheres.

No Brasil, a partir dos 1960, percebeu-se alterações demográficas por consequência da queda da fecundidade, sendo em grande parte, por uma população que optava por não ter filhos. Neste momento as mulheres buscavam maior autonomia, direito sobre seus corpos e os movimentos sociais feministas passaram a ganhar voz diante do tema.

Na área de antropologia social, um estudo comparativo entre o Brasil e a França relacionados com práticas contraceptivas apontam que a maternidade como escolha da mulher foi levada em consideração somente durante o século XX, tanto no Brasil como na França. No Brasil, a partir de reivindicações, através dos movimentos feministas, conquistou-se a gratuidade dos contraceptivos e as mulheres passaram a ter a possibilidade de decidirem se queriam ser mães, qual momento e quantos filhos teriam (SCAVONE, BRÉTIN E THÉBAUD, 1994).

Conforme Ferrand (1994), na França inicialmente a lei autorizava a contracepção como, diafragma, DIU e pílula, porém proibia informação quanto à eficácia e seus efeitos. A partir dos movimentos de mulheres, leis foram votadas

¹ Discente do Curso de Psicologia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação do Prof. Dr^a. Simone Van Der Halen Freitas E-mail: julianerodriguesh@gmail.com. Data de entrega: 30 de novembro de 2022.

para garantia de contraceptivos pela seguridade social e a descriminalização do aborto. Em contrapartida, percebeu-se que o acesso à contracepção não garantia diminuição das desigualdades e liberdade da mulher, o que gerava novos questionamentos referente à medicalização e ao controle social sobre mulheres.

No Brasil, os movimentos de mulheres ainda debatem quanto a descriminalização aborto. A quebra de barreiras em uma sociedade conservadora em que a mulher é vista como procriadora não é tarefa fácil e gera uma série de ambivalências no processo de decisão por viver ou não a maternidade (FIDELIS, MOSMANN, 2013).

Podemos refletir neste ponto que a recusa da maternidade passou a ser considerada por parte da população feminina como meio da emancipação de seus corpos. Um processo longo, em que cada mulher atribui um significado individual diante de suas várias faces (MANSUR, 2003). E mesmo que elas reconheçam que a maternidade não é determinada pelo biológico, mas pelas relações que as mulheres estabelecem com si e o outro, ainda assim esta é vinculada à condição feminina de que a mulher só é completa após ter passado pela maternidade. Mesmo assim, mulheres que optam por não terem filhos ainda são vistas como vazias e menosprezadas a partir do estereótipo tradicional que considera a maternidade como o ápice da identidade feminina (SOUZA, 2005).

É importante destacar que na década de 1920 os movimentos feministas tinham como pauta principal o direito ao voto. E a partir da década de 60, foram incluídas questões da saúde da mulher, de direitos reprodutivos e de violência doméstica. A jornalista e redatora Mariana Vick, do Nexo, jornal independente em sua matéria de 05 de setembro de 2021², faz um resgate histórico sobre Direitos reprodutivos. Na figura 1 podemos analisar os métodos contraceptivos criados em cada época, dados da mesma matéria de Nexo.

2

<https://www.nexojournal.com.br/explicado/2021/09/05/Direitos-reprodutivos-uma-hist%C3%B3ria-de-avan%C3%A7os-e-obst%C3%A1culos>



Figura 1. Fonte Nexo (2021)

De acordo com Scavone (2001), antes do surgimento de novas tecnologias contraceptivas, as mulheres que no momento optavam por não terem filhos acabavam recorrendo a métodos definitivos, como esterelização ou aborto colocando suas saúdes e vidas em risco. Com a chegada dos contraceptivos as mulheres puderam, de algum modo, ter a possibilidade de escolher em adiar, aceitar ou recusar a maternidade. Neste contexto, passaram a organizar a vida profissional e familiar de acordo com suas ambições e desejos. O desejo de cada mulher passa a ser considerado, ao passo que alavanca novos modos de cuidados em sociedade. Antes, a mulher que decidisse seguir uma carreira profissional devia pesar suas responsabilidades enquanto mães. Assim, os ajustes de responsabilidades permanecem, mas com mais liberdade das mulheres em decidir o momento da maternidade em suas vidas (SCAVONE, 2001).

A escolha por falar sobre o referido tema ocorreu em um período de muitas frustrações e inquietações, momento de uma separação conjugal em processo de resgate da minha identidade, até então engolida pela relação que se findava. A solidão se engranhava com o medo, a raiva atava ainda mais o nó da incapacidade de seguir em frente para então construir uma nova história tanto pessoal como profissional. A vida de uma mulher, não precisava e não precisa ser assim, tolhida e retalhada para abrir caminho para outra coisa de valor duvidoso. Há outros modos de viver sua vida e deixar outras vidas em paz (ESTÉS, 2007, pág 35).

A partir de minha rede de relacionamentos passei a observar uma parcela significativa de mulheres em torno de 35 anos que, em conversas privadas e informais revelaram que não desejavam ter filhos e para isso utilizavam métodos

contraceptivos para tal. Mulheres casadas, com curso superior e uma vida financeira estável, mas com grande dificuldade em comunicar suas decisões aos parceiros. Mencionaram também que sentiam vergonha e algumas até medo em expressar seus desejos aos parceiros. Inicialmente passei a investigar o tema de recusa à maternidade a partir de busca em base de dados Scielo, Capes e BVPSI e com o passar do tempo fui descobrindo na literatura e em filmes que o tema era abordado por caminhos distintos. A pergunta que me fazia era: como escrever um texto que contemplasse a minha experiência pessoal e também refletisse quanto a multiplicidade de caminhos que o tema se abria conforme eu pesquisava? Descobri que no ensaio teórico havia possibilidade para tecer esse vai e vem, do passado para o presente durante o texto e permitia explorar o tema por caminhos e materiais distintos. A força do ensaio está na forma como os procedimentos são questionados e não como eles se tornam verdades inerentes aos resultados que se originam dele (MENEGUETI, 2011, pág.326).

Diante do apresentado, este ensaio teórico tem por objetivo refletir sobre os diversos pontos que entrelaçam a temática da não-maternidade como opção da mulher na atualidade. Articulando as experiências e vivências da autora com o que foi pesquisado, fazendo um convite ao leitor a ampliar o espectro diante das múltiplas faces e também questionar sobre as diversas vozes que o tema apresenta. Conforme Meneghetti (2011), a objetividade não acontece na formalidade de se aceitar um método consolidado e validado por sucessivas repetições sistematizadas de um procedimento. Ela consiste inicialmente no reconhecimento da originalidade do ensaio por parte daqueles que o leem.

OS OUTROS

Mesmo silenciadas por um sistema arbitrário e machista, as mulheres sempre estiveram direcionadas para os interesses sociais e familiares. Dentro deste contexto, por volta de 1930 já iniciaram trabalhos fora de seu espaço doméstico e a produzir sua própria opinião, passou a ocupar espaços públicos que antes eram reservados somente aos homens e dedicar mais tempo à vida profissional (BARBOSA E ROSA-COUTINHO, 2007) Para muitas a independência financeira é prioridade e apesar do corpo feminino manifestar um limite para a maternidade, a

mulher não vê isso como um destino e sim como a decisão a ser tomada caso surja dúvida (FIDELIS e MOSMANN, 2013).

Ao mesmo tempo que há um incentivo à profissionalização da mulher e uma cobrança por parte dos pais e da sociedade para que as meninas invistam em uma carreira profissional ainda há expectativa de que um dia elas venham a cumprir seu "principal" papel, o de ser mãe (BARBOSA E ROSA-COUTINHO, 2007); afinal de contas historicamente já foi oferecido à mulher posição de autoridade no ambiente doméstico com a condição da maternidade e esse ponto ainda é bem salientado em famílias contemporâneas (HOMEM, CALLIGARIS, 2019). Ou seja, o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos (ADICHIE, 2015, Pág 15).

Durante minha infância escutava atenta as histórias que minha avó contava sobre a vida difícil que levava para cuidar dos filhos e da casa. Seguidamente ela lembrava-se em tom de reclamação, que antes dos trinta anos teria engravidado sete vezes. Por algum tempo me questionava em silêncio - como ela pode ter engravidado sete vezes se ela tem seis filhos? Criança curiosa normalmente era ignorada, mas um dia tomei coragem e lancei minha questão - Como a senhora engravidou sete vezes se tem seis filhos? A única resposta que recebi foi - Eu tirei! Pelo olhar, tom da voz e forma como as duas palavras me afetaram naquele instante percebi que era melhor "me calar". Sim, mesmo ainda criança e sem saber o que significava "tirar" percebi a raiva o peso que minha avó carregava.

A psicanalista Maria Homem fala sobre esse processo de subjetivação que estamos passando neste momento, mas que se iniciou por volta de 1970, momento este, em que a mulher passa a recusar este lugar de formadora dos futuros cidadãos e domínio do lar. Momento este em que a mulher vai dizer: "Quero meu corpo de volta. Se fui destituída do meu corpo, do meu desejo, do meu tesão, agora quero isso de volta" é um processo de subjetivação radical de todos nós, independente de gênero (HOMEM, CALLIGARIS 2019, Pág 24).

A identidade de mulher na atualidade ainda é carregada da repressão que suas antecessoras sofreram em tempos passados onde o casamento e a maternidade eram pontos cruciais de suas vidas (BARBOSA, ROCHA-COUTINHO, 2012). A autora Chimamanda Adichie menciona em sua obra *Sejamos Todos*

Feministas (2015, pág 14) que, até mesmo a linguagem que empregamos dentro do casamento é reveladora: frequentemente é uma linguagem de posse, não de parceria.

Antigamente, o casamento era privilégio de famílias mais abastadas, onde o principal eram status social e poder político. O amor e estima entre casais e filhos eram secundários. Os casamentos nada mais eram que contratos políticos que asseguram destaque social. Neste ponto acho importante lembrar do contexto em que Jane Austen já retratava na literatura mesmo duzentos anos antes do período apresentado até aqui, a obra de Austen *Orgulho e Preconceito* retrata essa época em que a mulher não tinha direitos aos bens de família se não fosse casada e tivesse filhos.

Contudo, percebe-se em alguns que o modelo paternal construído e vivenciado durante muito tempo já não se aplica às famílias contemporâneas (PATIAS E BUAES 2012). Atualmente, as mulheres estudam, dedicam-se ao mercado de trabalho e tornam-se independentes, deixando em segundo plano os relacionamentos amorosos e a decisão de ter filhos (SECCO, 2015). Ainda assim percebe-se uma resistência em compreender tais mudanças, pois a decisão em não ter filhos é tão difícil quanto a decisão pela maternidade (CAETANO, MARTINS E MOTTA, 2016).

A mulher contemporânea ainda carrega em sua subjetividade, o machismo perpetuado durante muito tempo, assim como, um sistema de regras jurídica e religiosas criadas para garantir o controle de suas vidas por meio da família durante muito tempo. Contudo, com movimentos firmes e constantes a mulher contemporânea está libertando-se deste lugar de objetificação e silêncio opressor, em foi colocada socialmente, e ganhando cada vez mais autonomia, espaço e posicionando-se enquanto sujeito desejante. Movimentos de resistência que envolvem recusas e escolhas, dentre estas está a maternidade.

NARRANDO E INVENTANDO A VIDA, UMA OCASIÃO ESPECIAL

Preparei a lareira perfeita para nós. O fogo vai durar a noite inteira - suficiente para todas as nossas “histórias dentro de histórias”. Um momento só, enquanto termino de lavar a mesa com menta fresca. Pronto, vamos usar a louça bonita. Vamos beber o que estávamos reservando para “uma

ocasião especial". Sem dúvida, "uma ocasião especial" é qualquer ocasião à qual a alma esteja presente. Você já percebeu? "Reservar" para outra hora é o jeito que o ego tem de dizer, rabugento, que não acredita que a alma mereça prazer no dia a dia. Mas ela merece, de verdade. A alma sem dúvida merece" (ESTÉS, 2007, pág 10).

A maternidade ainda ocupa um grande espaço na vida de muitas mulheres, mas como já estão mais apropriadas de seus corpos conseguem distinguir a maternidade como uma opção, e não mais como uma etapa inevitável da vida de uma mulher (BARBOSA E ROSA-COUTINHO, 2007 FIDELIS e MOSMANN, 2013). Muitas mulheres confundem querer ser mãe - que pode ser interpretado com estar grávida, provar que é uma mulher de verdade, dar prazer às famílias garantindo uma nova geração - com a dedicação requerida para criar um filho (MANSUR, 2003).

O psicanalista Contardo Calligaris em um debate com Maria Homem publicado no livro *Coisa de Menina? Uma Conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*, comenta sobre a dificuldade da mulher em lidar com as expectativas sociais, ele diz: "a mulher que escolhe não ser mãe é acusada de egoísmo e fracasso. É algo quase que aristotélico: afinal, se ela tem potencialidade de ser mãe e não é, não vai ter transformado em ato toda a sua potência" (HOMEM, CALLIGARIS, 2019, pág 74). De tal modo que, não ser aquilo que poderia ser, ao mesmo tempo que pode ser libertador também pode ser angustiante para muitas pessoas mulheres.

A psicanalista Clarissa Pinkola Estés refere em um trecho de sua obra *Ciranda das mulheres sábias* que, a palavra paradoxo significa uma ideia contrária à opinião de aceitação geral "ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem" significa estar plena de um belo conjunto de paradoxos mantidos em perfeito equilíbrio (ESTÉS, 2007, pág.11). Neste conjunto, a não-maternidade por opção poderia ser considerada como a escolha em viver e criar ou inventar um novo referencial para além do ideal já instituído de mulher=mãe (PATIAS, BUAES, 2012).

Em conversas informais com amigas, mulheres algumas expressões me marcaram como: *por mim eu não queria ter filhos mas o fulano, o marido, quer ser pai. Não gosto de ser mãe. Se eu imaginasse que ficaria dependente do marido, nunca teria casado e não teria filhos*. Durante essas conversas lembrei de uma

ocasião bastante violenta que sofri em meio a um relacionamento. Tinha em torno de 26 anos, não lembro ao certo, mas foi um momento em que pela primeira vez o então namorado falou em filhos e eu não pensava no assunto, foi quando em tom de brincadeira falei que não sabia se eu poderia ter filhos. Eu havia passado por uma cirurgia no colo do útero alguns anos antes e realmente não sabia se haveria esta possibilidade, hoje sei que minha única possibilidade de não ter filhos é pela opção. A resposta dele foi, *nunca diga a um homem que você não pode ter filhos*. Durante muitos anos eu nunca pensei que havia passado por uma violência, simplesmente considerava que ele tinha manifestado uma visão pessoal. Mas foi ao narrar tal momento que percebi a violência que havia sofrido e como aquele momento havia marcado minha vida ao ponto de eu nunca abordar o assunto com ninguém durante anos. O silêncio se fazia presente novamente assim como o silêncio que fiz quando ainda era criança diante de falas de minha avó e também na fala de minha mãe quando referia-se às perdas sofridas diante da maternidade.

De acordo com Estés (2007) descobrir-se mulher íntima e individualmente; assentando os acontecimentos progressos e o que suas ancestrais lhe deixaram de herança, pode ser, para muitas, assustador. O estranhamento por viver novas experiências no presente pode silenciar quem só viveu a partir de histórias contadas. A forma como a maternidade ainda é narrada de algum modo naturaliza as dores, solidão, mudanças corporais e sofrimento da mulher, reforçando a ideia social de que tornar-se mãe segue por caminhos que a levam abdicar de muitos papéis sociais (BARBOSA E ROSA-COUTINHO, 2007).

A narração é também uma forma de reinventar a realidade (NOGUERA, 2020, pág 55) e encontrar um espaço seguro para narrar sobre suas escolhas, desejos e frustrações abre espaços para elaborações e reelaborações do que a vida pode vir a ser.

Os efeitos sonoros provocados no corpo das mulheres por meio de suas narrativas apontam para características pessoais antes não percebidas. O fato de nunca falarem ou emitirem sons sobre os diversos caminhos percorridos até a decisão de não serem mães ressalta o quanto este fenômeno é complexo e precisa ser explorado (MANSUR, 2003). Também precisamos usar nossa voz, mais que isso, gestos, cheiros, toques e vestes. A palavra nos ajuda a organizar o mundo dos

sentidos, o que por consequência, gera efeitos no ambiente ao nosso redor. (NOGUERA, 2020, pág 58).

As mulheres se voltam agora para seu crescimento e desenvolvimento pessoais, começando a produzir sua própria palavra e a consolidar progressivamente práticas sociais transformadoras, ainda que, algumas vezes, a um elevado custo, tanto social quanto subjetivo (BARBOSA E ROSA-COUTINHO, 2007). Ao mesmo tempo em que o sujeito diz ser livre para escolher, toda escolha traz em si ambivalência, cobranças e consequências para o sujeito que por ela é responsável. A criação de outras posições para os sujeitos, no tecido social, desestabiliza referenciais que conformam a identidade feminina na modernidade (PATIAS, BUAES, 2012). Há mulheres na vida real que são grandes genitoras de ideias, processos, genealogias, criaturas, períodos da sua própria arte sempre se tornando mais sábias e se manifestando desta forma (ESTÉS, 2007, pág 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os interesses sociais, políticos e históricos de algum modo sempre estiveram presentes e influenciaram as decisões das mulheres em relação à maternidade. Este estudo ocupou-se em resgatar alguns pontos pertinentes de um momento em que os movimentos feministas passaram a manifestar publicamente o desejo das mulheres de ter o controle sobre os seus corpos e os métodos contraceptivos como meio para tal. Momento este, que as mulheres passam a ganhar espaço resgatando sua liberdade e afrouxando os nós de que a mulher só seria completa com a maternidade.

Importante apontar que, a mulher contemporânea continua buscando estes diversos lugares e posicionando-se enquanto ser desejante e este movimento faz parte de um processo de subjetivação que todos estamos vivenciando enquanto mulheres, homens, homossexuais, transsexuais, independente de gênero, todos nós estamos passando por este processo juntos.

A não-maternidade por opção pode estar significando a preferência por constituição de vínculos mais fluidos, maior liberdade e possibilidades de participação em outros cenários sociais (PATIAS & BUAES 2012).

Diante do exposto até aqui o objetivo deste texto foi de abrir alguns caminhos para que novos estudos sejam aprofundados. Sabe-se que estamos diante de um tema plural e aqui foi apresentado uma fração dos múltiplos vieses que o assunto desperta. Podemos salientar aqui que diversos estudos sobre o tema da não-maternidade trazem a autora Elizabeth Badinter com suas obras de o mito do Amor materno e o Conflito onde retrata discorre que a mulher não tem o “instinto” materno, mas que vai percorrendo o caminho até decidir por maternar ou não. Também incluiria nesta discussão, a escritora Simone de Beauvoir como a obra *Segundo sexo*, a filósofa e teórica Judith Butler com *Problema de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, Luce Irigaray, filósofa e psicanalista que faz sua crítica a psicanálise e aqui acrescento a biografia de Vivian Gornick *Afetos Ferozes* que trata justamente da questão da subjetividade feminina a partir da relação mãe e filha, que é o ponto que Irigaray trata em sua crítica.

Novas possibilidades se apresentam às mulheres que escolhem pela não maternidade e o debate vem sendo tratado no discurso social a partir da literatura e cinema como *A Filha Perdida de Elena Ferrante*, *O Omo e a Gaivota*, um filme francês que conta a história de uma atriz que se descobre grávida no início de uma temporada de apresentações, *Pieces of a Woman* um filme que aponta práticas de violência obstétricas.

Na sociedade contemporânea independente de gênero e estado civil a opção por não terem filhos cresce. Como vimos até aqui as justificativas se deslocam entre estilo de vida e adiamento por questões de trabalho. Contudo, diante das relações sociais claramente há um sofrimento ainda desconhecido por parte da mulher que não deseja a maternidade. A proposta do texto neste ponto foi alcançada no momento em que afrouxar os nós e nos colocar a imaginar e pensar sobre as diversas faces do tema da maternidade. Pode ser que até aqui existam mais dúvidas do que certeza e isso de algum modo nos movimenta a estudarmos e sobretudo a dialogarmos cada vez mais sobre um tema tão caro que antes de tudo fala sobre potencialidades humanas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE Chimamanda Ngozi, *Sejamos Todos Feministas*, Tradução: Cristina Baum, São Paulo, **Companhia das Letras**, 2015.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007 .
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000100012> Available from
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100012&lng=en&nrm=iso. access on 06 July 2020.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 24, n. 3, p. 577-587, 2012 .
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000300011>. Available from
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000300011&lng=en&nrm=iso. access on 03 Nov. 2019.

CAETANO, Carolina; MARTINS, Maristela Santini; MOTTA, Romilda Costa. Família Contemporânea: Estudo de Casais Sem Filhos por Opção. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 20, n. 1, p. 43-56, jul. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100004&lng=pt&nrm=iso> . .

ESTÉS, Clarissa Pinkola A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem / Clarissa Pinkola Estés; tradução de Waldéa Barcellos. - Rio de Janeiro: **Rocco**, 2007. ISBN 978-85-325-2150-7

FERRAND, M. A questão dos Direitos Reprodutivos na França. **Revista Estudos Feministas**, Nº especial/2º sem./94 - Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec seção Saúde e Controle da Reprodução, Rio de Janeiro, outubro de 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>

FIDELIS, Daiana Quadros; MOSMANN, Clarisse Pereira. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. **Aletheia**, Canoas , n. 42, p. 122-135, dez. 2013 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000300011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 set. 2019.

HOMEM Maria, Coisa de Menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo/Maria Homem, Contardo Calligaris, Campinas, SP: **Papirus 7 Mares**, 2019.

MANSUR, Luci Helena Baraldo. Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 23, n. 4, p. 2-11, Dec. 2003 . Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400002&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Sept. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000400002>.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro O que é um ensaio-teórico?. **Revista de Administração Contemporânea** [online]. 2011, v. 15, n. 2 [Acessado 30 Novembro 2022], pp. 320-332. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>>. Epub 21 Mar 2011. ISSN 1982-7849. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>.

NOGUERA, Renato. Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro, **HarperCollins Brasil**, 2020.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. "Tem que ser uma escolha da mulher"!representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 24, n. 2, p. 300-306, Aug. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Sept. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000200007>.

SCAVONE, L.; BRÉTIN, H.; THÉBAUD-Mony, A. Contraceção, Controle Demográfico e Desigualdades Sociais: análise comparativa franco-brasileira. **Estudos Feministas**, v.2, n.2, p.357-72, 1994.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 16, p. 137-150, 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Sept. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>.

SOUZA, Daniela Borges Lima de; FERREIRA, Maria Cristina. Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 10, n. 1, p. 19-25, Apr. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Sept. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000100004>.

VICK Mariana. Direitos Reprodutivos: uma história de avanços e obstáculos. **Nexo Jornal**, atualizado em 05 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2021/09/05/Direitos-reprodutivos-uma-hist%C3%B3ria-de-avan%C3%A7os-e-obst%C3%A1culos>